

REPORTAGEM ESPECIAL

Setor ervateiro gaúcho trabalha para o crescimento da atividade

» Apesar da queda na produção em função da estiagem, aposta é em cenário de retomada

Patricia Lima, especial para o JC
economia@jornaldocomercio.com.br

Calorão em “Forno Alegre”, pessoal assando em casa. O que fazer para matar a sede e refrescar? Um mate, claro. Reunião no escritório, planejamento, meta, prazos. O que ajuda na concentração e ainda ameniza a tensão do ambiente de trabalho? Chimarrão, óbvio. Praia bombando, mar cristalino (ou não), férias, diversão. Para completar, nada pode ser mais perfeito do que um mate. Parece mania de gaúcho, mas a verdade é que o chimarrão, essa infusão mágica que leva somente as partes da planta secas e água, combina com qualquer momento e faz bem em qualquer circunstância. A bebida que nos irmana e que está presente no dia a dia do Sul da América há milênios representa também um dos setores mais resilientes da economia do Rio Grande do Sul.

De acordo com dados levantados pela Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs) em parceria com o Sindicato das Indústrias do Mate (Sindimate-RS), o setor produziu quase 211 mil toneladas de erva-mate em 2022, com o valor da produção calculado em R\$ 264 milhões. O volume é 13% menor do que o registrado em 2021. O rendimento médio da produção, que é a relação entre os quilos colhidos por hectare, também caiu cerca de 15%. As informações mais recentes são do ano retrasado, divulgadas pelo setor em dezembro de 2023.

A principal causa desse declínio de produtividade foi a estiagem, que prejudicou o desenvolvimento das plantas. Com menos oferta e fatores como aumento no custo dos insumos, a erva-mate ficou mais cara para o consumidor a partir da pandemia. Chegou a ser registrada, em 2021, uma queda de 10% no consumo, de acordo com o Sindimate. Suscetível aos humores do clima, que estão cada vez mais imprevisíveis, a erva-mate sofreu bastante ao longo dos

dois anos de seca severa no Estado. A queda na produção durante a vigência da estiagem, de acordo com estimativas da Emater-RS, foi de aproximadamente 20%, o que acabou encarecendo o mate de todos os dias.

Apesar disso, o setor se prepara para entrar em 2024 com otimismo. A cultura da erva-mate, que envolve não somente o chimarrão, mas os chás à base de mate e o tererê apreciados no Centro-Oeste brasileiro, dá fôlego para que as indústrias responsáveis pelo beneficiamento da planta planejem um futuro promissor. É o caso da Baldo, que sofreu com os abalos de 2022, mas conseguiu acumular um crescimento de 30% no ano passado. Para o diretor da ervateira, Leandro Gheno, 2023 foi um ano relativamente difícil em função do aumento nos custos de produção, decorrente de fatores globais como a Guerra entre Rússia e Ucrânia, que não foram inteiramente repassados ao consumidor. Em compensação, a matéria-prima se manteve estável em volume e qualidade, o que contribuiu para a estabilização. Com uma boa resposta dos mercados interno e externo não somente à erva-mate tradicional, mas também aos produtos à base de mate, como os chás, o crescimento foi possível.

Em 2024, Gheno projeta um olhar mais atento aos mercados para além da América do Sul, com novos produtos elaborados com a mesma erva. “O mate deve ser uma das maiores estrelas das bebidas infundadas. A meta é crescer entre 30% e 50% no faturamento com bebidas derivadas de mate, como os chás”, afirma. Para atingir esse objetivo, além de desenvolver novos produtos, a empresa aposta no melhoramento dos processos e na certificação da matéria-prima.

Um cronograma de investimentos de cerca de R\$ 4 milhões iniciou em 2023 para preparar as unidades para esse novo momento. Emitir menos carbono no processo produtivo é uma das es-



TÂNIA MEINERZ/JC

Chimarrão é uma das formas mais tradicionais de consumo da planta e está presente no dia a dia do Sul da América

tratégias para aumentar a eficiência, com a redução da queima de biomassa, por exemplo. “Estamos substituindo o sapeco à lenha em metro pelo cavaco de madeira, que melhora o resultado e otimiza os recursos. Esse é apenas um dos passos para garantir o crescimento”, acrescenta Gheno.

De acordo com o IBGE, cinco estados brasileiros concentram a produção de erva-mate. O Rio Grande do Sul já foi o maior deles, respondendo por mais de 84% da produção nacional em 1992. A produção por aqui cresceu, mas a liderança foi perdida para o Paraná já faz um tempo. Hoje, 34% da erva-mate nacional sai da indústria gaúcha, contra mais de 51% da paranaense. Mato Grosso do Sul, Santa Catarina e, mais recente-

mente, Amazonas, completam o rol de estados produtores. Argentina e Paraguai também são produtores, embora em menor escala do que o

Brasil. Nos últimos 30 anos, o País teve um enorme salto de produtividade, com um crescimento de mais de 320% em volume.

Maiores produtores do RS em 2022

Ranking	Cidade	Quantidade (ton)	% no RS
1º	Arvorezinha	34,5mil	16,4
2º	Ilópolis	30,4mil	14,4
3º	Anta Gorda	16,8mil	8,0
4º	Fontoura Xavier	15,370mil	7,3
5º	Palmeira das Missões	14,4mil	6,8
6º	Putinga	10,4mil	4,9
7º	Itapuca	10,34mil	4,9
8º	Áurea	6,84mil	3,2
9º	Viadutos	4,8mil	2,3
10º	Nova Alvorada	4,2mil	2,0